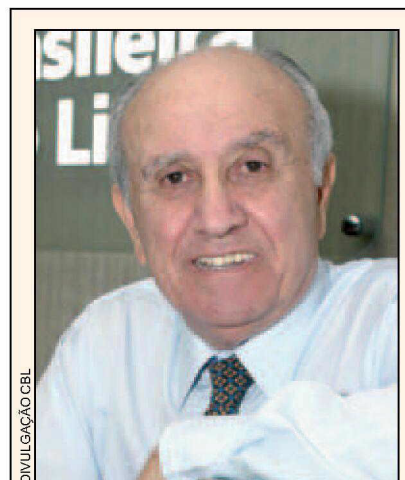


Por um Brasil mais letrado

Por Renata Mercante

A leitura não é um hábito do brasileiro. Além disso, a população, com baixo poder aquisitivo, não se encontra em condições de consumir grande quantidade de livros. Resultado: o País apresenta índice de leitura de 1,8 livro por habitante/ano, enquanto na França e nos Estados Unidos, por exemplo, o número passa de 5. Na tentativa de mudar esse quadro, o governo, ONGs e entidades privadas têm adotado diversas ações com foco na promoção do livro e do hábito de ler, principalmente por meio da realização de feiras e da ampliação do número de pontos-de-venda espalhados pelo País. “O setor editorial e livreiro está bastante empenhado no aumento do número de leitores, visando ao incremento da produção”, afirma Oswaldo Siciliano, presidente da Câmara Brasileira do Livro (CBL) para o biênio 2005/2006. Siciliano acredita também que a internet seja uma importante ferramenta de incentivo à leitura. Segundo ele, uma enquete realizada pelo site da CBL mostrou que 22% dos participantes se informam sobre lançamentos literários pela internet, usada por grande parte deles para a compra de livros. Leia a seguir a íntegra da entrevista feita por *O Papel* com Siciliano e entenda melhor o comportamento do setor livreiro no Brasil.



DIVULGAÇÃO CBL

Siciliano: "Os dois maiores limitantes ao acesso ao livro são o baixo poder aquisitivo do brasileiro e o hábito de leitura pouco arraigado"

O Papel – *Qual parcela da população lê mais, hoje, no Brasil?*

Oswaldo Siciliano – Na sociedade brasileira, em números absolutos, as classes que mais lêem são as B e C. A média de leitura, considerando toda a população, é de 1,8 livro por habitante/ano. Em outros países, esse índice é bem maior – na França, por exemplo, lêem-se anualmente 7 livros *per capita*; nos Estados Unidos, o índice chega a 5,1 e, na Inglaterra, a 4,9.

O Papel – *Qual é o fator que mais limita o acesso da população aos livros?*

Siciliano – Contrariando o que muitos pensam, não é o preço. Aliás, um livro no Brasil custa em torno de US\$ 10 a US\$ 15, valor que está dentro da média mundial. Na realidade, os dois maiores fatores que limitam

o acesso ao livro são o baixo poder aquisitivo do brasileiro e o hábito de leitura pouco arraigado em nossa sociedade.

O Papel – *O que tem sido feito para aumentar os índices de leitura no Brasil?*

Siciliano – Várias ações estão sendo promovidas pelo governo, ONGs e entidades privadas. Em 2005, temos como destaque o Ano Ibero-Americano da Leitura, comemorado em 21 países da Europa e das Américas, com diversas ações para promover o livro e o hábito de ler. Independentemente disso, o setor editorial e livreiro está bastante empenhado no aumento do número de leitores, visando ao incremento da produção. De acordo com uma pesquisa feita pelo Ministério da Cultura, as editoras brasileiras planejam investir, até dezem-

bro, R\$ 239 milhões em lançamento de títulos, modernização tecnológica, ampliação do negócio e criação de selos editoriais, o que significa crescimento de 48% em comparação ao valor investido em 2004. Se considerarmos os recursos previstos pela indústria gráfica, distribuidores, fabricantes de papel e livreiros, o volume total de investimentos na cadeia produtiva do livro deverá ser bem maior – o varejo, por exemplo, prevê a aplicação de R\$ 4,7 milhões para ampliar o número de pontos-de-venda e a oferta de livros. Além disso, cresce anualmente o número de feiras de livros pelo País, permitindo que a população de cidades com baixo número de livrarias tenha acesso a uma maior variedade de obras.

O Papel – *Que ações têm tomado os segmentos que perderam espa-*

ção no mercado de livros, como as editoras de enciclopédias?

Siciliano – Estão procurando diversificar sua linha de atuação, enveredando para outros segmentos, como dicionários e livros didáticos e infantis, entre outros.

O Papel – Perdeu-se espaço também com a chegada da internet e a criação dos e-books?

Siciliano – Não; esse é um pensamento equivocado. A internet, diferentemente do que pensa a maioria, funciona como impulsionadora do mercado. Segundo enquete realizada pelo site da Câmara Brasileira do Livro (CBL), 22% dos leitores costumam se informar sobre lançamentos literários pela rede. Muitos deles, além de se informarem, costumam comprar livros pela web. Não acredito que as pessoas deixarão de ler por causa da internet. Há “concorrentes” muito mais fortes, como a falta de livrarias, o acervo desatualizado das bibliotecas, o baixo poder aquisitivo da população, etc. O e-book, até o momento, não representa ameaça ao livro tradicional, pois essa proposta até agora se mostrou inconsistente. Embora não tenhamos números exatos, percebe-se que a produção de livros impressos não sofre a interferência da comercialização de e-books, bem abaixo do que se previa quando o formato foi lançado. A cultura de comprar livros eletrônicos – para ser lido na tela do computador, no *palm top* ou outros veículos digitais – não se disseminou no País até o momento.

O Papel – Quais seriam as alternativas para reduzir os custos da produção de livros no Brasil?

Siciliano – O principal elemento capaz de baratear o livro seria o aumento da tiragem – na média, cada edição de um livro no Brasil gira em torno de 3 mil exemplares. O preço é uma questão de escala de produção. Obviamente, se o poder aquisitivo do brasileiro melhorar e as editoras puderem arcar com os custos de promoção para ampliar o mercado livreiro,

o preço do livro diminuirá. Além disso, se houvesse um número 10 vezes maior de bibliotecas e verba para manter os acervos atualizados, isso também pesaria significativamente para a redução do valor de capa.

O Papel – Quais impostos incidem sobre a produção de livros?

Siciliano – O livro é desonerado de qualquer imposto, mas as editoras, assim como qualquer empresa, pagam imposto de renda.

O Papel – Qual a participação do papel no preço final do livro?

Siciliano – O custo do papel gira em torno de 30% do preço final, dependendo do tipo de livro a ser impresso. Numa edição de texto, por exemplo, o papel representa maior porcentagem dos custos, enquanto numa de arte essa porcentagem cai, em função de outros componentes de custo, como impressão e acabamento, uma vez que se utilizam mais imagens e maior diversidade de cores, entre outros artifícios.

O Papel – Qual o custo do papel utilizado na capa?

Siciliano – Isso depende muito do tipo de capa: se for dura, colorida e com detalhes de acabamento, o custo pode representar cerca de 5% do total; se for simples, apenas com gramatura um pouco maior, esse percentual cai para aproximadamente 2%. Nada disso, porém, obedece a uma regra geral. Hoje, a maior parte das gráficas adota um processo industrial padronizado, sem mudanças em função do papel utilizado.

O Papel – Existe um potencial alto para o uso de papel reciclado na produção de livros?

Siciliano – Até o momento, o uso de papel reciclado não se apresenta como tendência importante para a produção de livros, em função de vários fatores técnicos – inclusive o custo. No caso do papel-jornal, verifica-se grande receptividade no setor, principalmente para a confecção de livros de bolso. ▲

Limpeza eficaz
sem abrir o bico



Lâminas.
Porta-Lâminas.
Raspadores.
Chuveiros.
Bicos.
Osciladores.
Filtros.
Desaguadores.

Looking

Nossa tecnologia, seu máximo desempenho.

www.looking.com.br
R. Um, 900 – Distr. Industrial João Narezzi
Indaiatuba – SP – CEP: 13347.402
Fone/Fax: (19) 3894.3933
e-mail: looking@looking.com.br

Towards a more *literate* Brazil

By **Renata Mercante**

The habit of reading is not widespread in Brazil. Along with this, given the low purchasing power, the average Brazilian is not in any position to acquire a large number of books. The upshot is that Brazilians read an average of 1.8 books per capita each year, while in countries like France and the United States this figure is more than 5 books. Governments, NGOs and private companies have taken various steps to promote books and the habit of reading, especially through holding book fairs and expanding the number of points of sale throughout Brazil. "The publishing and book sector is working hard to increase the number of readers, in order to expand production", says Oswaldo Siciliano, President of the Brazilian Chamber of Books (CBL) for the years 2005-2006. Below is O Papel's interview with Siciliano, which gives a better understanding of the behavior of Brazil's book sector.

O Papel – What segment of population reads the most now in Brazil?

Oswaldo Siciliano – In Brazilian society, in terms of absolute numbers, the class that read the most is lower middle class. Average reading for the population as a whole is 1.8 books per person per year. In other countries this figure is much higher – in France, for example people read an average of 7 books per year; in the United States this figure is 5.1, and in England it is 4.9.

O Papel – What is the greatest limiting factor in terms of access to books?

Siciliano – Contrary to what many think, it is not price. After all, a book in Brazil costs around US\$ 10 to US\$ 15, which figure is well within the global average. The two greatest limiting factors in access to books are the low purchasing power of Brazilians and the lack of a habit of reading in our society.

O Papel – What has been done to increase rates of reading in Brazil?

Siciliano – Several actions have been carried out by governments, NGOs and the private sector in this regard. This year, 2005, is the Ibero-American Year of Reading, celebrated in 21 countries of Europe and the Americas, with a range of activities aimed at promotion of books and the habit of reading. Independently of this, the publishing

and book sector is working hard to increase the number of readers, as a way to expand production. Brazilian publishers plan to invest a total of R\$ 239 million by December on launching new titles, technological modernization, expansion of the business and creation of new publishing houses, which constitutes a grown of 48% over the amount invested in 2004. If we take into account the investments planned by the printing, distribution, paper manufacturing and book sectors, the total investments in the book production chain would be much higher – the retail sector, for example, is set to invest R\$ 4.7 million to expand the number of points of sale and supply of books. As well, the number of book fairs throughout the country is growing every year, allowing cities with a small number of book stores to have access to a greater variety of books.

O Papel – Are books losing space with the arrival of the Internet and the creation of e-books?

Siciliano – No, this is a mistaken idea. The Internet, contrary to popular belief, is stimulating the market. According to a survey carried out at the site of the Câmara Brasileira do Livro (CBL), 22% of readers receive news of book launches by Internet. And along with getting information, many readers now buy books over the Internet. So I don't believe that people will stop reading because of the Internet.

There are very strong 'competitors' that discourage reading, such as the shortage of bookstores, the outdated collections of libraries, low purchasing power of the population, etc. The e-book has not to date represented a threat to the tradition book, because this format has shown inconsistent results. Although we don't have exact numbers, it is clear that the sale of e-books doesn't interfere with production of printed copies, and sales in this format are far below original projections.

O Papel – What is the share of paper in the final price of a book?

Siciliano – The cost of paper is around 30% of the final book price, depending on the type of book to be printed. In a textbook, for example, the paper represents a higher share of the cost; while in a book of art this percentage drops, because of the greater share of other components of the cost, such as printing and finishing, since they use more images and a greater range of colors, among other things.

O Papel – Is there a great potential for the use of recycled paper in book production?

Siciliano – To date, the use of recycled paper hasn't played an important role in production of books, because of various technical factors, including cost. But newsprint, on the other hand, has been welcomed by the sector, especially in production of pocket books.

